

AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL DIPLÉGICA ESPÁSTICA E COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO PERTENCENTES A CAMADAS POPULARES DA CIDADE DE SALVADOR – A PERSPECTIVA DO PAI

THE EDUCATION'S PRATICE AMONG FAMILIES OF CHILDREN WITH CEREBRAL PARALYSIS AND TYPICAL DEVELOPMENT CHILD PERTAINS OF A LOW-INCOME POPULATION OF SALVADOR CITY – BRAZIL: THE FATHER'S PERSPECTIVE

PRÁTICAS DE EDUCACIÓN DE FAMÍLIAS COM NIÑOS CON PARALISIS CEREBRAL DIPLÉGICA ESPÁSTICA Y DESARROLLO TÍPICO, PERTENECIENTES A CLASE SOCIAL POPULAR EN LA CIUDAD DE SALVADOR – LA PERSPECTIVA DEL PADRE

Ângela Maria Mieko Yano*

Zélia Maria Mendes Bisoli Alves**

Mara Regina Santos da Silva***

Mirian Botelho Sagim****

* Dr.^a em Psicologia, psicóloga hospitalar na Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação – unidade Salvador-BA.

** Livre docente em Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – USP.

*** Pós-doutorado em enfermagem. Université du Québec à Trois – Rivières, UQTR. Canadá.

**** Mestre em Psicologia da Universidade de São Paulo - USP.

RESUMO. A paternidade é hoje um tema que desafia a compreensão de muitos pesquisadores. Atualmente existe uma noção, compartilhada por estudiosos da área, de que os pais desempenham papéis multidimensionais e complexos, com influência direta e indireta no desenvolvimento infantil e na vida familiar. Reconhece-se ainda que a construção social da paternidade varia segundo a época e o contexto ecocultural, e os ideais de paternidade podem ser muito variáveis de uma sociedade ou subgrupo para outro. O presente trabalho tem por objetivo descrever como os pais de classes populares da cidade de Salvador, BA, compreendem seu papel na família, sua relação com as práticas de cuidado e educação da criança, com e sem deficiência física, e suas reações em face da deficiência. Participaram do trabalho 10 famílias: 5 de crianças com Paralisia Cerebral diplégica espástica (PC), sem retardo mental evidente, com idades entre 2 e 7 anos, atendidas em instituição de reabilitação de Salvador, BA, e 5 de crianças com desenvolvimento típico (DT). Pais e mães responderam a entrevistas estruturadas, gravadas, transcritas e analisadas qualitativamente. Os pais relatam participação nos cuidados e educação da criança, mas ainda concebem como sua principal função prover a família. Valorizam a afetividade, mas enfatizam em seu sistema ideal de educação de filhos a autoridade e exigência, principalmente no caso das crianças com DT. A obediência foi o principal atributo da criança considerada "ideal". Os pais revelam esforços de elaboração de vivências pessoais no processo de educar filhos e buscam adequar-se às demandas socioculturais atuais.

PALAVRAS-CHAVE: paternidade, educação infantil, paralisia cerebral.

ABSTRACT. The paternity is today a subject that defies the understanding of many researchers. Currently it has a notion, shared by existing studios that the parents play multidimensional and complex roles, with direct and indirect influence in the infantile development and in the familiar life. It is still recognized that the social construction of paternity varies according the time and the cultural context. Also the ideals of paternity can be very changeable from one society or sub-group to another one. The present work aims to describe how the parents of low-income population of Salvador city - Brazil, understands its role in the family, its relation with care and the education of the child (with and without physical deficiency) and its reactions toward the deficiency. Ten families participated of this work: 5 of children with Cerebral Paralysis (PC), without evident mental retardation, aging between 2 and 7 years, being patients of rehabilitation institution of Salvador- Brazil, and 5 of children with typical development (TD). Parents and mothers had answered structuralized interviews, recorded and qualitatively analyzed. The parents tell its participation in the cares and education of the child, but they still conceive as its main function to sustain the family. They value the affectivity, but they emphasize in its system of education the authority and requirement, specially among children with TD. The obedience was the main attribute to consider "ideal" child. The parents disclose efforts of personal experiences in the process to educate children and search to adjust it to the current socio-cultural demands.

KEYWORDS: paternity, child rearing, cerebral palsy.

RESUMEN. La paternidad es hoy un tema que desafia la comprensión de muchos investigadores. Estudiosos del área comparten la noción que los Padres desempeñan roles multidimensionales y complejos, que influncian directa e indirecta en el desarrollo infantil y en la vida familiar. Se reconoce que la construcción social de la paternidad varía según la época y el contexto eco cultural y que ideales de paternidad pueden variar de una sociedad o subgrupo para otro. Este estudio busca describir como padres de clases populares de la Ciudad de Salvador-BA, comprenden su papel en la familia y la relación con prácticas de cuidados y educación del niño. (con y sin deficiencia física) y sus reacciones frente a la deficiencia. Participaron 10 familias: 5 de niños con Parálisis Cerebral displegica espastica (PC), sin retardo mental evidente, con edad entre 2 y 7 años, atendidas en Institutos de Rehabilitación en Salvador-BA, y 5 de niños con desarrollo típico (DT). Padres y madres respondieron a entrevistas estructuradas, gravadas, transcritas y analizadas cualitativamente. Los padres relatan participación con los cuidados y educación del niño, y entienden como función principal proveer a la familia. Valorizan el afecto mas resaltan la autoridad e exigencia, principalmente en los casos de niños con DT. La obediencia fue el principal atributo del niño considerado "ideal". Los padres revelan esfuerzos en el proceso educativo de los hijos y buscan adecuarse a las demandas socio-culturales del momento.

PALABRAS-CLAVE: paternidad; educación del niño; parálisis cerebral.

Recebido em: 15/02/2006

Aceito em: 24/03/2006

Ângela Maria Mieko Yano

Rua Padre Casimiro Quiroga, 176, Cd. Mansão Perestroika, Ed. Trigal de Prata, 1401 - CEP 41720-050

Fone: (71) 3230-4907 – Email: yano@ssa.sarah.br

INTRODUÇÃO

No cenário de tantas mudanças sociais políticas e econômicas, a paternidade é hoje um tema que desafia a compreensão de muitos pesquisadores. Antes relegados a segundo plano no campo de estudos sobre família e desenvolvimento infantil, os pais vêm ganhando, nas últimas décadas, significativa atenção ainda que os resultados das investigações se mostrem muitas vezes contraditórios e inconsistentes.

Atualmente existe uma noção, compartilhada por estudiosos da área, de que os pais desempenham papéis multidimensionais e complexos, com influência direta e indireta no desenvolvimento infantil e na vida familiar. Reconhece-se ainda que a construção social da paternidade varia segundo a época e o contexto ecocultural. Os diferentes papéis: companheiros, cuidadores, esposos, protetores, modelos morais, provedores, podem predominar em um ou outro momento, modelados por expectativas e demandas sócio-culturais¹. Ou seja, os ideais de paternidade (ou o “bom pai”) podem ser muito variáveis de uma sociedade ou subgrupo para outro, sem que se possam adotar juízos de valor sobre o que é mais ou menos adequado.

É importante entender que um ideal ou modelo de pai não suplanta o outro. Muitas vezes eles coexistem e se confrontam nas relações cotidianas. Abordando o histórico de ideais de paternidade nos Estados Unidos, destaca-se que o papel de provedor, apesar de estar sendo desafiado por outras tendências, ainda se mantém como forte referência no ideal de paternidade da sociedade norte-americana².

Partindo para uma realidade sociocultural diferente, nas famílias brasileiras de camadas populares, observa-se a marcada divisão sexual e etária do trabalho³, onde compete à mulher o papel de agente de cuidados das crianças e de relações com o domínio público, cabendo ao homem o papel de provedor principal^{4;5}.

Mudanças macrosociais tais, como o movimento feminista das décadas de 60 e 70, a urbanização, o avanço científico e tecnológico, o desenvolvimento de métodos anticoncepcionais, a entrada da mulher

no mercado de trabalho, o aumento do número de divórcios e de famílias monoparentais e a expansão da ideologia centrada na criança são alguns dos fatores apontados como responsáveis por alterações na dinâmica familiar e nos papéis tradicionalmente adotados pelo homem e pela mulher^{6;7;8}.

Ao assumirem diferentes papéis sociais, as mulheres reconfiguram a maternidade⁹, o que leva a uma reconfiguração também no exercício da paternidade. O trabalho de Palme (1972) que relata a experiência na Suécia, onde o governo, a fim de encorajar o envolvimento paterno nos cuidados à criança, promoveu verdadeira reforma em várias áreas incluindo trabalho, legislação, política de impostos e educação⁹. Essa experiência exemplifica o quanto a própria organização social atuando, muitas vezes de forma subliminar ou “invisível”, pode ou não restringir e condicionar os papéis sexuais.

O ENVOLVIMENTO PATERNO NOS CUIDADOS À CRIANÇA

O envolvimento paterno, Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985, 1987 apud Pleck, 1997) é um constructo que inclui 3 componentes e tende a fornecer subsídios metodológicos para estudos na área^{1;10}. São eles: Compromisso paterno, interação direta com a criança, seja na forma de cuidado, brincadeira ou tempo livre; acessibilidade e disponibilidade; responsabilidade pelo cuidado da criança.

Revisando a literatura sobre o assunto, discute-se e compara-se trabalhos produzidos nas últimas décadas, que sugerem aumento do envolvimento paterno, com outros, que criticam essa suposta mudança, questionando seus aspectos metodológicos¹⁰. Ele conclui que o aumento do envolvimento paterno, não é grande em termos absolutos e os pais permanecem à longa distância, quando seu envolvimento é comparado ao das mães. Porém, a despeito das críticas em contrário, alguns trabalhos tem documentado aumento no compromisso e responsabilidade dos pais, principalmente nas 3 últimas décadas.

Existem 4 fatores que interferem no nível de envolvimento paterno, assim designados: 1) motivação; 2) habilidades e autoconfiança; 3) suporte social e 4) fatores institucionais ou práticas^{1,10}. Alguns aspectos serão mais bem aprofundados na seqüência, ainda que fuja ao escopo do presente trabalho a revisão completa do tema.

A *motivação* é influenciada pelo histórico de desenvolvimento, características de personalidade e crenças do indivíduo. Em relação ao histórico de desenvolvimento, um aspecto que tem chamado atenção é a relação dos pais com os seus próprios pais. Existem duas hipóteses que buscam explicar a importância dessa relação: a primeira seria a *modelagem*, segundo a qual os pais estabeleceriam seu nível de envolvimento a partir do modelo recebido dos próprios pais. A segunda seria a hipótese de *compensação*, segundo a qual os pais tenderiam a compensar a falta de envolvimento paterno, estabelecendo diferentes formas de relação com seus filhos¹⁰. De forma similar, é feita referência ao “novo pai”, proveniente da classe média-alta, que procura romper com os modelos vivenciados na infância, reformulando o comportamento de seu próprio pai. Segundo a autora, esses pais “almejam reparar a sua própria infância”^{9:172}.

Em relação ao suporte social, estudos que têm buscado analisar a relação entre o trabalho materno e o grau de envolvimento paterno¹. Seu levantamento indica que os pais se mostram proporcionalmente mais atuantes, na comparação com as mães, quando elas trabalham fora, ainda que a extensão, em termos absolutos, não tenha mudado significativamente. Mesmo quando ambos têm atividades fora, a quantidade de responsabilidade assumida por eles é semelhante àquela observada nos casos em que elas não trabalham fora.

Ainda abordando a temática do suporte social, o mesmo autor discute as reações maternas, demonstrando, por meio de pesquisas recentes, que muitas mães demandam maior envolvimento paterno, sentindo-se sobrecarregadas pelas responsabilidades. Em contrapartida, alguns estudos evidenciam que a

maioria está satisfeita com a manutenção do *status quo*, incluindo a extensão do envolvimento paterno e o tipo de atividades que eles desenvolvem. O autor considera que tais reações podem justificar-se tanto pelo temor da incompetência dos companheiros, como pela ameaça que sua participação representa na dinâmica de poder intrafamiliar, onde, além de mãe, a mulher tradicionalmente assume o papel de administradora. O trabalho de Maridaki-Kassotaki⁷ exemplifica esse tipo de dado.

Pesquisas realizadas a partir da década de 80 avaliam os efeitos do envolvimento paterno nas crianças. São estudos comparativos, envolvendo famílias “tradicionalistas” e famílias onde a responsabilidade pelo cuidado à criança é compartilhada, ou onde os pais são os responsáveis primários por ela. A revisão de vários estudos indica que crianças com pais mais envolvidos demonstram maior competência cognitiva, empatia, menores crenças estereotipadas em relação a sexo e *locus* de controle interno¹. Uma ressalva importante feita pelo autor é que os efeitos positivos pareciam relacionados ao envolvimento voluntário dos pais, compartilhado pelas companheiras. O estudo de Johnson e Abramovich¹ sugere que os efeitos são diferentes, quando os pais são forçados a maior envolvimento¹.

Em relação ao tipo de atividade desenvolvida pelos pais, dados obtidos em estudos observacionais, uso de diários e outras metodologias sugerem que eles tendem a realizar preferencialmente brincadeiras e interação social com suas crianças, enquanto as mães se dedicam mais aos cuidados. Fatores como o sexo e a idade da criança também parecem interferir, tendo sido observada maior interação dos pais com filhos do sexo masculino, o que se intensifica a partir dos 2 anos de idade. Tal comportamento parece estar presente em várias culturas, incluindo sociedades não industrializadas. Alguns estudos mostram ainda que eles manifestam maior preocupação com comportamentos não apropriados ao sexo em relação ao que fazem as mães¹.

A visão apresentada por vários estudos dos grupos minoritários é criticada (Afro-americanos e Hispano-americanos), uma vez que utilizam a

perspectiva da “ausência do pai” e do “machismo” nas análises sobre o envolvimento paterno nos cuidados e discutem dados de pesquisa que mostram distribuição igualitária de tarefas entre homem e mulher¹¹. Porém, na comparação entre grupos de famílias Afro-americanas e Hispano-Americanas de baixa renda, eles também observaram diferenças no envolvimento parental (os pais despendiam metade do tempo dedicado pelas mães aos cuidados com as crianças) e destacam a importância de serem considerados aspectos socioculturais e contextuais na interpretação dos dados.

Até alguns anos atrás a temática das pesquisas sobre a paternidade indicava grandes áreas de interesse⁷:

1. O papel do pai no desenvolvimento moral e na adoção de papéis sexuais.
2. A relação pais-criança e a influência no desenvolvimento cognitivo infantil.

Mais recentemente, investigações têm-se voltado à avaliação do crescente interesse paterno por rotinas diárias, vida familiar e cuidados à criança, o que tem trazido modificação na divisão de papéis.

No Brasil trabalhos publicados na última década, traduzem a importância crescente da participação do pai na criação dos filhos^{12;13}.

Pode-se dizer que os meios de comunicação de massa têm presença marcante no estabelecimento de novos padrões de comportamento, seja em propagandas com slogans do tipo “não basta ser pai, tem que participar”, ou em telenovelas, que apresentam novos modelos de organização familiar, relação intracasal e entre pais e filhos. Longe de apresentarem um consenso, essas imagens causam polêmicas; porém fazem parte do cotidiano da maioria das famílias brasileiras¹⁴.

Resta, portanto, saber como os pais de classes populares da cidade de Salvador, BA, compreendem seu papel na família, sua relação com as práticas de cuidado e educação da criança, com e sem deficiência física, e reações em face da deficiência. Os dados aqui apresentados se inserem em trabalho

mais amplo, que estudou as práticas de educação em famílias de crianças com Paralisia Cerebral dipléctica e com desenvolvimento típico, pertencentes a camadas populares da cidade de Salvador¹⁵.

MÉTODO

Participaram do trabalho 10 famílias, sendo 5 delas de crianças com deficiência física PC, Paralisia Cerebral dipléctica espástica, sem retardo mental evidente, com idades entre 2 e 7 anos, atendidas em instituição de reabilitação de Salvador, BA; e 5 de crianças com desenvolvimento típico DT. Das 10 famílias apenas 6 pais participaram, dentre os quais 4 eram pais de crianças com desenvolvimento típico e 2 de crianças com PC. Vale dizer que do total de famílias pesquisadas apenas 1 não contava com o pai coabitando com a criança. Apesar de nenhum dos pais ter recusado explicitamente a participação no trabalho, 3 deles alegaram, em diversas ocasiões diferentes, problemas para encontrar-se com a pesquisadora. O principal motivo referido dizia respeito ao tempo disponível.

A idade dos pais oscilou de 25 a 48 anos, 2 eram analfabetos, 1 havia concluído o Ensino Fundamental, 2 haviam cursado o Ensino Médio incompleto e os outros 2, o completo. Em relação à profissão, 2 estavam desempregados; e os demais atuavam no setor de serviços ou em atividades autônomas.

As estratégias de coleta de dados da pesquisa mais ampla incluíram: entrevistas estruturadas, direcionadas às mães e aos pais e realizadas em separado, observação naturalística do ambiente registrada em Diário de Campo e observação da interação adulto-criança, com registro contínuo. A coleta de dados aconteceu na casa dos participantes. O presente artigo prioriza os dados obtidos em entrevista. Vale ressaltar que todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados de entrevista foram gravados, transcritos e posteriormente analisados quantitativa e qualitativamente, tendo como pano de fundo os objetivos do trabalho: as práticas de educação nas

famílias de crianças com PC e com desenvolvimento típico e o referencial teórico adotado, perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner descrita em Bronfenbrenner & Morris, 1998.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das questões abertas do roteiro permitiu a identificação e seleção de algumas categorias a partir das quais os dados serão apresentados e discutidos:

- O “papel do pai” segundo eles mesmos.
- O “pai ideal”.
- A participação paterna nos cuidados e na educação. A visão deles e de suas companheiras.
- Os ideais de criação de filhos, na perspectiva paterna.

Considerando que a temática práticas de educação remete à questão da família e da divisão de papéis, um dos aspectos que interessou à pesquisa foi avaliar como os pais concebem o seu papel. As falas extraídas do discurso dos pais encontram-se identificadas por letras e números; P1 e P5 designam pais de crianças com PC; e P2’, P3’, P4’ e P5’, pais de crianças com DT.

O “PAPEL DO PAI” SEGUNDO ELES MESMOS

As respostas dos pais, diante da questão que buscava investigar seu papel na dinâmica familiar, ressaltam a importância da função de provedor, que aparece diretamente em cinco das seis entrevistas, e em todas, se considerada uma análise mais aprofundada delas: *Trabalhar e manter a família, educar levando criança para o colégio e buscando...essas coisas (P4’).*

Outro aspecto que chama atenção, além da ênfase à questão de prover a família, é a hierarquia que eles próprios estabelecem em suas funções, situando a participação nos cuidados à criança e afazeres domésticos em plano secundário, onde parecem atuar como coadjuvantes: *A minha tarefa, eu*

tenho que trabalhar pra poder colocar o sustento dentro de casa pra todos eles e responsável por ajudar na educação do dia-a-dia...disciplinar as crianças é também uma tarefa, é isso aí (P2’). Outras falas trazem exemplos semelhantes:

A primeira obrigação minha...o meu objetivo é...baseado na condição financeira, mesmo com a renda baixa, mas é...sempre ter o básico; em segundo lugar participar no dia-a-dia dos meninos em casa e ajudar, da maneira, o mais que eu posso, apesar de eu não ser muito bom em serviço doméstico...não é muito a minha...a minha área, não é muito o que eu gosto de fazer, mas eu vou pra lidazinha (P1).

Assim, enquanto prover, para esses homens de camadas populares, parece ser visto como obrigação, em consonância com o que já fora pontuado por estudos em outras culturas², e também por trabalhos brasileiros, a educação e as tarefas domésticas não têm esse mesmo caráter^{4,5}. Se alguém se propõe a ajudar, subentende-se que existe outra pessoa que de fato é responsável por aquela tarefa, no caso as mães, sugerindo uma clara divisão de tarefas no contexto familiar. Em contrapartida, são elas que “ajudam” no orçamento familiar ao trabalharem em atividades autônomas como a M1, que lava roupas, a M2 que faz faxinas eventuais e a M5, que vende produtos de beleza.

É verdade, porém, que alguns pais já incorporam em seu discurso expectativas cada vez mais difundidas no senso comum, que sugerem uma relação de maior igualdade com a parceira: *Eu faço quase a mesma coisa que ela (mãe) faz...eu ajudo nos afazeres domésticos, lavo a louça, quando há necessidade, varro a casa, limpo... (P5).*

Entretanto, na sua fala o “quase” marca as diferenças e, caso se aprofunde a investigação, esse mesmo pai as admite: *Porque tem coisas que o meu tempo não há condições de eu fazer, como assim ficar em casa pra fazer comida; daí já não dá mais para mim (P5).*

Se o trabalho do homem é, pois, essencial, o que acontece quando a mulher também trabalha?

Excetuando a mãe 2 (M2), que trabalhava como esteticista, responsabilizando-se pela manutenção

econômica da casa e da filha sem conviver diretamente com um parceiro, apenas M4' e M5' mantinham, na época da pesquisa, uma atividade regular de trabalho. A primeira era proprietária de bar e fornecia refeições ("quentinhas") no bairro. A segunda trabalhava na mesma função de seu companheiro (operadora de telemarketing). Apesar de reconhecer a necessidade do trabalho da parceira na manutenção da família e demonstrar interesse e satisfação pela participação nos cuidados à criança, essa não era a organização idealizada pelo P5'. Quando questionado sobre o sistema ideal de educação de filhos ele comentou:

Eu sinto falta, de C. (a mãe) não estar em casa o dia todo. É...eu me preocupo bastante com esse lado, que a mãe acompanhando fica....é uma ajuda muito grande. Então eu sinto uma carência muito grande não poder acompanhar M. nesse lado e eu com 2 emprego (...) eu estou me sentindo meio preocupado (P5').

Em que medida a mudança da condição da mulher modifica a função desempenhada pelo homem? Longe de ser uma influência única, o exemplo ilustra que ao assumir papéis diferentes na família e na sociedade a mulher, em certa medida, reconfigura a maternidade, implicando uma nova configuração de paternidade de acordo com as necessidades e possibilidades da família⁹.

Analisando por outro ângulo o depoimento do P5', além de lamentar a ausência materna em casa, ele também explicita o desejo de ele próprio estar mais próximo do filho, colocando a longa jornada de trabalho como empecilho para concretização dessa meta. Também o P1' e o P3, que não participaram da entrevista, acumulavam 2 atividades de trabalho, uma regular e outra autônoma e esporádica. O ganho reduzido, a instabilidade econômica e a pressão do papel de provedor induzem a uma duplicação da jornada de trabalho. Esses exemplos fazem refletir sobre a interferência que o estabelecimento de papéis sexuais, culturalmente condicionados, tem sobre a dinâmica familiar, exigindo mudanças sociais mais amplas que possam ser traduzidas para o contexto desse grupo⁹.

O PAI IDEAL

A importância de prover volta a se destacar na fala dos pais, ao discorrerem sobre sua concepção de ideal paterno. Assim, dar o que a criança necessita, seja em termos de alimentação e educação adequadas (escolas, material escolar) ou de "fazer os gostos", é vista por alguns como parte da caracterização de um pai ideal, que é definido como:

Amigo, que conversa com os filhos, que está sempre orientando eles, está sempre tendo aquele cuidado...com as brincadeiras, com os amigos com quem ele brinca, sempre sabendo onde ele está brincando...(...) eu acho que o pai ideal é aquele que se preocupa com os filhos... (P5).

Ou ainda que ser pai ideal é: *Respeitar a criança, saber criar, sair com a criança, fazer os gostos (P4).*

A amizade, o diálogo e o respeito falam em favor de uma relação menos hierárquica com a criança e, portanto de maior proximidade, ainda que alguns façam questão de estabelecer limites. Assim, ao mesmo tempo que define o pai ideal como aquele que está sempre presente, que conversa, que se preocupa, o P1 também enfatiza: *Ele não pode ficar tomando muita vontade, aí ele já está perdendo...já está dando liberdade demais, excessiva.*

Enquanto alguns, como P4 e P2', se auto-avaliam como um pai ideal, outros, como o P1, colocam que é muito difícil ser ideal em função do grande número de exigências. Ele acrescenta que é até difícil estabelecer o que seria ideal, já que é um conceito mutável. Essa flexibilidade/mobilidade exige um processo constante de reavaliação de acordo com o momento histórico em que se vive e as etapas de desenvolvimento da criança, alguns pais parecem sensíveis a isso: *Um pai ideal seria ele está se policiando e se ajustando todos os dias (P5).*

A PARTICIPAÇÃO PATERNA NOS CUIDADOS E EDUCAÇÃO: A VISÃO DELES E DE SUAS COMPANHEIRAS

Os pais que responderam à entrevista foram unânimes ao afirmar sua participação nas tarefas de

cuidados e educação da criança. Alguns, como P5', P5 e P1, forneceram exemplos práticos de participação em rotinas como higiene, alimentação e disciplina. Outros, como o P3' e P2', apesar de referirem participação, mostram-se mais reticentes, quando solicitados a dar exemplos. Talvez o fato de responderem a pergunta a uma mulher e profissional da área de Psicologia, tenha induzido os pais a uma resposta “politicamente correta”, segundo aquilo que deduziram ser a expectativa da pesquisadora.

Alguns pais demarcaram, em seu discurso, os limites daquilo que seria “*tarefa da mãe*”, o que por oposição, compreende-se que não seria tarefa deles:

O pai 4', por exemplo, cita que as atividades da criança (do que ela brinca, com quem ou com o quê brinca etc.) e tarefas escolares ficam “*à critério da mãe*”. De forma similar pentear o cabelo “*ai o problema já é com a mãe*”, assim como o banho, porque afinal “*o pai não sabe como dar o banho numa criança?*”. Quando questionado se o sexo da criança interfere na não participação no banho da filha, ele assim se coloca: *Para mim acho que interfere, porque acho que fica um negócio chato um pai tá dando banho numa menina grandinha, por mais que ele vá dá o banho numa criança dessa ele não dá o banho certo.*

O pai 2' faz depoimento semelhante. Ele orienta para que a filha peça ajuda: *Às irmãs, já que ela não sabe pentear o cabelo dela, ou então pedir pra mãe (...) porque esse lado de pentear aí (...) eu não sou muito craque nessa parte não (riso).*

O pai 1 também coloca restrições para participar das tarefas escolares (pela falta de tempo) e do banho da filha:

O banho, tem uma certa...hoje mais ela insiste em tomar banho comigo, mas eu não...não faço isso, eu deixo ela tomar banho junto com a mãe dela (...) eu acho que é uma questão de formação minha, foi esse jeito a que eu fui conduzido, que eu fui criado, então, até que seja bom ou ruim pra ela, eu não sei, mas com os menino...eu tomo banho, mas já com ela (P1).

Já P5 e P5' não referiram restrições para participar do banho de seus dois filhos, o que reforça hipótese de que o sexo da criança pode interferir no

envolvimento paterno no que se refere aos hábitos de higiene¹.

Quando questionadas especificamente sobre a participação paterna em relação aos cuidados e higiene pessoal das crianças as mães, de certa forma, confirmaram o relato dos companheiros. Tanto M5 como M5' afirmaram receber ajuda dos maridos; a última assim se expressou: “*ele ajuda e muito*”. Já a M4' alegou que o marido não ajudava “*nem um pouco*”. Outras, como M2' e M1, percebiam a preferência dos pais para ensinar aos meninos.

Pelo relato das mães, depreende-se que o envolvimento dos pais que não responderam à entrevista parece semelhante.

O sexo da criança parece ainda ter especial significado na delimitação pelos pais de comportamentos e atividades considerados por eles como apropriados ou não, seja para meninas ou para meninos. Os pais dos meninos (P5 e P5') foram os que falaram de forma mais espontânea sobre brincar com seus filhos.

O fato de inserir a perspectiva materna na investigação sobre a participação paterna nos cuidados e educação da criança não teve o intuito de verificar ou checar a “veracidade dos fatos” mas sim de demonstrar as diferentes perspectivas que homens e mulheres têm e que podem em alguns momentos, divergir.

A CRIANÇA IDEAL

Os pais valorizam como atributos da criança ideal características como obediência e educação, que remetem a um modelo mais tradicional de educação. Do total, 3 pais do grupo DT mencionam a saúde como característica desejável e 4 pais (2PC e 2 DT) colocam também a importância de que a criança seja capaz de brincar e se divertir.

O SISTEMA IDEAL DE EDUCAÇÃO

Os pais valorizam a importância da afetividade, mas tendem a enfatizar em seu sistema ideal de

educação a autoridade e exigência, principalmente no caso de crianças com desenvolvimento típico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O depoimento dos pais demonstra a complexidade de influências na determinação do envolvimento paterno e denota seu esforço de elaboração, a fim de selecionar aspectos que consideram positivos em sua experiência, o que torna esse processo bastante dinâmico. Reforça-se a necessidade de considerar aspectos socioculturais em estudos dessa natureza.

REFERÊNCIAS

- 1 Lamb M. The role of the father in child development. New York: Wiley.
- 2 Pleck EH, Pleck JH. Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In: Lamb ME., organizador, The role of the father in child development. New York: Wiley; 1997. p.33-48.
- 3 Romanelli GR. Famílias de classes populares: Socialização e identidade masculina. Cadernos de Pesquisa-NEP (Ano III), 1-2, 25-34; 1997.
- 4 Fonseca C. Aliados e rivais na família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila portoalegrense. Rev Bras de Cienc Sociais 1987; 4(2): 88-104.
- 5 Zaluar A. A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense; 1985.
- 6 Biasoli Alves ZMM. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2000; 16(3): 233-9.
- 7 Maridaki-Kassotaki K. Understanding fatherhood in greece: father's involvement in child care. Psicologia: teoria e pesquisa, 2000; 16(3): 213-9.
- 8 La Rossa R. The modernization of fatherhood. In: La Rossa R., organizers. The modernization of fatherhood: A social and political history. Chicago: The University of Chicago; 1997. p.1-20.
- 9 Ramires VR. O exercício da paternidade hoje. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1997.
- 10 Pleck JH. Paternal Involvement: levels, sources, and consequences. In: Lamb M., organizers, The role of the father in child development. New York: Wiley; 1997. p.66-103.
- 11 Hossain Z, Field T, Pickens J, Malphurs J, Del Valle C. Fathers' caregiving in low-income african-american and hispanic-american families. Early Development and Parenting, 1997; 6(2): 73-82.
- 12 Montgomery M. O novo pai. São Paulo: Saraiva; 1992.
- 13 Bottura Jr W. A paternidade faz a diferença. São Paulo: Gente; 1994.
- 14 Hamburger E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: Novais FA, Schwarcz LM, História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras; 1998. V.4, p.439-87.
- 15 Yano AMM. As práticas de educação em famílias de crianças com paralisia cerebral dipléctica espástica e com desenvolvimento típico pertencentes a camadas populares da cidade de Salvador. [tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2003.